

ELEMENTOS CONSTITUTIVOS DE UMA PRÁTICA EDUCACIONAL NÃO-FORMAL: TRANSCENDENDO A CONSTRUÇÃO DA AUTO-ÉTICA

Olívia Mascarenhas Souza*
Leandro Morais da Luz**

Resumo: *O presente artigo propõe um olhar investigativo sobre a prática pedagógica voltada para a educação não-formal desenvolvida pelo Projeto Educar Para Transformar, buscando compreender em que medida as atividades desenvolvidas nas comunidades atendidas podem contribuir para o desenvolvimento de uma auto-ética com crianças e adolescentes, na perspectiva de minimizar as manifestações de violência e a construção da experiência democrática.*

Palavras-chaves: Arte-educação, Auto-ética, Prática pedagógica.

INTRODUÇÃO

O Projeto Educar para Transformar (PET) foi criado em setembro/2003, com o objetivo principal de inserir a prática da arte-educação como instrumento de inclusão social e promover o fortalecimento dos vínculos familiares, potencializando os educandos a exercerem o papel de agentes multiplicadores de informações em suas comunidades, pelo despertar da consciência crítica.

Durante esses dois anos, a equipe interveio na Escola Luíza Mahin no bairro Uruguai e na Escola de Educação Percussiva Integral - EEPI no Cabula. Atualmente, o projeto atua em parceria com o Instituto de Música da UCSAL e desenvolve atividades nas comunidades Paraíso Azul e Recanto Feliz, no bairro Stiep.

O público-alvo do projeto são as crianças e adolescentes, cuja faixa etária varia de cinco a dezoito anos, que vivem em situação considerada de risco social, são vítimas do descaso de uma sociedade mercantilizada, e estão submetidas às condições de esquecimento, coibição e desvalorização pelas políticas públicas. As ações do PET sempre partiram das demandas apontadas pelos próprios educandos. Os trabalhos são desenvolvidos por uma equipe multidisciplinar, envolvendo profissionais e estagiários de Serviço Social, História, Direito e Enfermagem.

O presente artigo sintetiza um estudo sobre a construção da auto-ética¹ em comunidades de baixa renda, na cidade de Salvador, a partir de uma pesquisa empírica em andamento desenvolvida pela equipe do Projeto Educar Para Transformar. Os dados ora apresentados compõem um quadro teórico das primeiras experiências obtidas nas atividades.

* Bacharel em Serviço Social pela UCSal, habilitada em Mediação Transformativa pelo CEFAC, Técnica de Nível Superior lotada na Superintendência de Extensão e Ação Comunitária/ UCSal e Coordenadora do Projeto Educar Para Transformar. E-mail: oms_28@yahoo.com.br – Autora.

Colaboradora: Daniela F. de Almeida Mota - Bacharel em Serviço Social pela UCSal, Pós-graduada em Gestão e Desenvolvimento de Seres Humanos pela Faculdade Visconde de Cairú, Assistente Técnico lotada na Superintendência de Extensão e Ação Comunitária/ UCSal e Coordenadora do Projeto Educar Para Transformar. E-mail: dmota@veloxmail.com.br.

** Graduando em História pela UCSal, em Ciências Sociais pela UFBA, estagiário do Projeto Educar Para Transformar. E-mail: moraisluz_leo@yahoo.com.br -Co-autor.

¹ Compreendemos a auto-ética, neste trabalho, como um conjunto de valores morais e formas de expressão do juízo moral comportamental, bem como a constituição do pensamento lógico. A ação está associada ao entendimento da realidade e de como se processa a atuação no “mundo da vida” em nível individual.

A princípio é importante conceber a idéia de arte como uma estratégia de superação de comportamentos antiéticos manifestados através da violência e desrespeito que são reproduzidos dentro da própria comunidade, dificultando a convivência comunitária de uma maneira pacífica e saudável. Certamente esses comportamentos podem ser observados de forma mais intensa nos ambientes onde as relações entre essas crianças e adolescentes são mais comuns como na escola, nas brincadeiras de rua e nas atividades de socialização em geral. Destarte, torna-se necessário uma intervenção educativa no seio da comunidade que possibilite ao nosso público-alvo uma nova forma de convivência social que fortaleça relações profícuas.

Descrevemos a prática pedagógica, assim como a abordagem desenvolvida através da equipe do PET e o arcabouço teórico que norteia nossa prática, sem a qual não poderíamos fundamentá-la. Elucidamos o conceito de educação não-formal sem maior aprofundamento e iniciamos uma discussão sobre a auto-ética, vislumbrando uma possível colaboração comunitária por intermédio do protagonismo juvenil, ao multiplicar o conhecimento construído coletivamente. Assim, buscamos, como proposta primordial deste artigo, apresentar à comunidade acadêmica um ponto de partida para a discussão, o registro de um conhecimento em construção, os elementos práticos e metodológicos que têm sido fundamentais ao nosso trabalho, na busca da vivência da auto-ética com crianças e adolescentes, por meio da educação não-formal. Reiteramos, contudo, que não pretendemos fazer deste trabalho um relato de experiência; trata-se de um estudo baseado numa revisão bibliográfica pautada na observação da prática educativa na comunidade.

A ARTE SUPERANDO DESAFIOS NA EDUCAÇÃO

Ao analisarmos alguns aspectos relevantes e básicos para o desenvolvimento integral do ser humano, tais como a alimentação, a formação escolar, a habitação, a segurança, a saúde, entre outros, constatamos que os jovens sofrem, como define Marita Palmeira, uma violação dos seus direitos, uma vez que há *“a transgressão de normas, regras e leis do próprio direito”* (Palmeira, 1992, p. 98).

O direito, no entender dessa autora (1992, p. 92), ocorre através da ação social, na qual a opinião pública é formada pelo povo no exercício da cidadania, ao vivenciar o “mundo da vida” ou cotidianidade, podendo trazer garantias ao compartilhar o poder do Estado.

Os jovens da comunidade são aviltados pela inexistência de igualdade de oportunidades, que os impede de galgar melhores patamares de vida, sendo vítimas, também, da violência. Segundo Da Mata, a violência pode ser entendida como *“atos e condições que obstruem o desabrochar espontâneo do potencial humano para o desenvolvimento e a auto-realização”* (Apud Marita, 1992, p.95).

Esses atos e condições podem ocorrer no nível interpessoal, institucional e societário. A violência em nível interpessoal é a violência física, sexual, psicológica, a negligência, entre outros desdobramentos; em nível institucional, o modelo da educação formal, os atendimentos nos hospitais, asilos, a mídia explorando a mulher sexualmente, etc; em nível societário, são os indicativos do modo de organização da sociedade, a exemplo: a concentração de renda, o descuido ao meio ambiente, a impunidade dos criminosos de colarinho branco, etc.

A arte-educação é um relevante instrumento utilizado pela equipe de trabalho do PET, com o intuito de possibilitar uma intervenção no nível social e educacional. Vislumbra o desenvolvimento de novas capacidades e aprendizados que complementem a educação formal, sem perder de vista o interesse em mitigar as reproduções de práticas violentas. Tal reprodução se manifesta na comunidade, das mais variadas formas, desde a violência física até aquelas imbuídas em brincadeiras infantis aparentemente inocentes, mas que refletem o aprendizado de um modelo reforçado pela mídia, repetido nas famílias e na convivência comunitária.

Segundo Chauí (2003, p. 317), a palavra *art* tem origem no latim *ars*, corresponde ao termo grego *techne*, técnica. A história das artes revela duas vertentes que sintetizam as funções das atividades artísticas: a pedagógica e a expressiva.

Pensadores como Platão, Aristóteles, Kant, Hegel, entre outros, distinguiram a idéia da arte perpassando através da filosofia, da política, da lógica e da poesia; contudo, houve alterações e distorções ao longo da história sobre esta concepção na filosofia. Kant se aproxima mais da concepção de arte como “[...] aproximação do infinito” quando “afirma que a função mais alta da arte é produzir o sentimento do sublime”. Para Hegel (Ibidem, 2003, p. 324), a arte tem duas modalidades sucessivas, sendo que “é um meio para educação moral da sociedade” e favorece a transformação da realidade, trazendo pureza, estética e interiorizando no homem a ligação com a espiritualidade.

Relacionando-a com a sociedade, duas distinções filosóficas podem ser feitas: a primeira no que se refere à arte pura, considerando-a sob este prisma quando não revela aspectos sócio-históricos, culturais ou políticos. O que, na interpretação de Chauí “é impossível” a negação das raízes do artista (2003, p. 326), bem como a influência do mundo sobre ele. A segunda, faz alusão à “arte engajada”, dando um papel ao artista de, através da sua obra, revelar as mazelas do mundo, visando modificações sociais e políticas. Ambas posições são extremistas, a arte não existe por si só, pode ou não causar ressonância que altere conceitos e visões de mundo. É uma forma de expressão e libertação, ao mesmo tempo que preenche e vitaliza o homem.

A arte é uma importante ferramenta para educação. Nesta perspectiva, não tem como objetivo a formação de artistas, mas o desenvolvimento de outras habilidades cognitivas. O trabalho artístico estimula a inteligência, contribui para a formação da personalidade do indivíduo e a disciplina, eleva a auto-estima, ajuda na concentração, no desenvolvimento de noções espaciais e coordenação psico-motora.

No seu trabalho criador, o indivíduo utiliza e aperfeiçoa processos que desenvolvem a percepção, a imaginação, a observação, o raciocínio e o controle gestual, capacidades psíquicas que influem na aprendizagem. No processo de criação, ele pesquisa a própria emoção, liberta-se da tensão, ajusta-se, organiza pensamentos, sentimentos, sensações e forma hábitos de trabalho. Educa-se.

A arte pode ser um caminho terapêutico quando associada a outras formas de tratamento, uma vez que contribui para que o indivíduo diminua o vazio existencial e reconheça seus próprios valores.

As atividades do projeto estão inseridas numa perspectiva de educação não-formal, entendida como qualquer modalidade de “*educação organizada sistemática que, normalmente, se realiza fora dos quadros do sistema formal de ensino*” (Bianconi, 2005:37). A necessidade de potencializar o crescimento saudável, seguindo as etapas de desenvolvimento do indivíduo, favorece a autonomia. Assim, educar é uma palavra que vem do latim (*educere* ou *educare*), que significa trazer para fora, extrair, tirar, trazer à luz. Filosoficamente, é fazer a idéia passar da potência ao ato, da virtualidade à atualidade. Porém, este processo de educação, ou melhor, de socialização de experiências requer, necessariamente, o respeito dos educadores aos saberes constituídos socialmente pela criança em sua experiência prática diária, principalmente aqueles que reivindicam o papel de educadores sociais.

CONSTRUINDO A AUTO-ÉTICA COM CRIANÇAS E ADOLESCENTES NO CONTEXTO COMUNITÁRIO.

Educar para transformar requer uma ênfase na questão da mudança. Mudança para quê? Ou para quem? Para construímos, coletivamente, sujeitos capazes de viver nesse mundo em constante mutação. Para contribuir com o processo de formação dessas pessoas, tornando-as protagonistas, e não meros reprodutores da sociedade em que vivem atualmente. Nesse processo de educação tenta-se cultivar valores relacionados à ética. Morin (2003, p. 40-45) problematiza a questão

da ética nos tempos em que vivemos hoje, onde a família e a religião ganham novas formas e as pessoas outros comportamentos. A fundamentação da auto-ética seria uma solução frente à onda de individualização do mundo globalizado e, por conseguinte, mercantilizado. Porém, para tanto, seria necessário não somente fundamentar, mas a auto-ética só seria possível tendo como energia uma crença, a fé. Não a fé religiosa, mas a fé em algo que seja o combustível a mover os cidadãos em causas altruístas. Paulo Freire (1996, p. 36) reafirma esta idéia, tratada por Edgar Morin, mostrando que a ética é um valor essencial à vida humana, e que sua existência indissociada de valores éticos é uma transgressão, afinal como homens e mulheres somos motivados a fazer escolhas e assim sendo, “só somos [éticos] porque estamos sendo. Estar sendo é a condição para ser” (Freire, 1996, p. 36-37).

Há diversos caminhos para a construção da auto-ética, e o mundo participa de um movimento, ainda utópico, que consiste na conquista da paz e construção da democracia. Esse movimento existe imbuído nos milhares de grupos organizados em formas de ong's, fundações, instituições de caráter religioso, organismos da sociedade civil como um todo, que, direta ou indiretamente, lutam sem cessar contra formas de violência no sentido lato, ou seja, estão envolvidos em causas que possam resultar em ações e comportamentos mais éticos. A ética ou filosofia da moral é um “conjunto de princípios e padrões de conduta. Um pensamento reflexivo sobre os valores, as normas que regem as condutas humanas” (Celi Wollf, 2004).

Porém, há uma variação do significado ético que resulta em uma dificuldade na compreensão de conceitos. Tal variação envolve aspectos da formação sócio-cultural indissociados do espaço e do tempo. Se as condições da existência coletiva se modificam em contextos sociais diferentes como o direito e a moral, a ética também se modifica, não apenas em contextos sociais diferentes, mas dentro de um mesmo tipo social. De modo que se varia a legitimação normativa de país para país, varia também uma legitimação, por vezes informal, de bairro para bairro em uma cidade. (apud Wollf, 2004).

A construção da auto-ética vislumbra a formação dos valores morais individuais. “A auto-ética não nos é dada, é preciso construí-la, implica um problema de educação fundamental, desde o início da escolaridade” (Morin, 2001, p. 44), principalmente no momento em que a criança descobre que além dela existem outros. Perpassando pelas diferentes fases do desenvolvimento infantil, a criança precisa compreender que ela é importante para o mundo, mas que as outras pessoas são tão importantes quanto.

O egoísmo é uma das principais motivações para comportamentos antiéticos. O indivíduo pode se tornar egoísta, quando mal orientado entre os dois e cinco anos, na fase egocêntrica. A palavra deriva do latim: ego (eu) + cêntro (centro) é a tendência pessoal exagerada em se achar como centro do mundo e considerar tudo sobre seu próprio ponto de vista. Segundo Dobbin,

[...] do ponto de vista do juízo moral observa-se que, a princípio, a moral é totalmente heterônoma, passando a autônoma na medida em que a criança começa a sair do seu egocentrismo e compreender a necessidade da justiça equânime e da responsabilidade individual e coletiva, independentes da autoridade ou da sanção imposta (Dobbin, 2000).

A superação do comportamento egocêntrico dar-se-á através da cooperação. Esta pode ser trabalhada por intermédio de atividades em grupo que levem os educandos, paulatinamente, a partilhar, valorizar o outro, respeitar regras e limites, ter tolerância, etc. Nas oficinas do PET, notoriamente existem as diversidades étnicas, culturais e socioeconômicas. A utilização de jogos e brincadeiras infantis é uma forma de agregar ludicidade e formação de valores morais. Para a criança avaliar uma situação na qual está inserida é mais fácil do que avaliando uma situação hipotética, partindo do princípio que, para uma criança, o entendimento pode ser pautado no exemplo da máxima: “*não fazer com os outros, aquilo que não desejamos para conosco*”, com interesse de possibilitar a construção de uma realidade democrática diante da complexidade do

mundo e das relações sociais dentro da comunidade e da própria família, através da aceitação e do respeito à diversidade.

O raciocínio lógico da criança é diferente dos adultos e, por estar em formação, não tem uma compreensão prévia dos acontecimentos. Através da interação social e de fatores sociais ela vai reproduzindo alguns padrões de comportamento aprendidos e irá formando seu pensamento lógico. A ética como filosofia da moral apresenta conceitos que são difíceis e contraditórios, especialmente na esfera individual, e sempre foram compreendidos como assuntos correlatos à maturidade proporcionada pela vida adulta; entretanto, entendemos que a assimilação e construção do “juízo moral da criança” permitem avançar sobre o assunto – ética - na esfera da ludicidade.

A adolescência é um conceito cultural do ocidente para caracterizar a fase da puberdade. Pubescer ou torna-se púbere é a idade ou período em que os indivíduos manifestam a capacidade de procriar. Apresenta-se como um momento de dualidade entre o eu e o mundo, contrapondo-se constantemente. As idiossincrasias, às vezes, aparecem com um distanciamento dos modelos familiares e uma busca por estereótipos que ajudem os adolescentes a se sentirem identificados, inseridos e, de algum modo, reconhecidos.

O caminho para o encontro com a vida adulta traduz uma série de conflitos, e a participação no PET pode representar uma alternativa de acolhimento e de amparo para uma melhor elaboração das idéias, dos sentimentos, da liberdade de expressão e para a troca de pensamentos entre os pares, favorecendo o respeito e a aceitação de si e do outro. Através de uma escuta diferenciada há uma compreensão dos seus anseios, dúvidas e receios como natural à fase em que se encontram, sem perder o encantamento pelo lúdico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No trabalho com grupos, percebemos a diversidade posta por elementos que caracterizamos como particulares a cada componente grupal. Tal diversidade possibilita uma série de oportunidades de intervenção pela equipe técnica, demandada pelo próprio grupo em atividades anteriores. A interação grupo / equipe resulta em aprendizado mútuo, garantindo uma continuidade e, a cada momento, um aprofundamento de questões intrínsecas aos valores humanos.

O dinamismo da prática educacional é um movimento que acompanha o ritmo do grupo. A filosofia do projeto prevê resultados pautados na realidade dos fatos, ou seja, de nada adianta propor atividades que estejam dissociadas da realidade grupal, no caso das crianças e adolescentes, porque os objetivos não serão alcançados.

Corroboramos com a idéia de René Blanchet (2002:145) no que diz respeito a três aspectos elementares: primeiro que a educação tem um papel fundamental, o despertar para o espírito crítico, no sentido de ensinar o educando a refletir, analisar, julgar e propor; o segundo se refere ao fato de que, a cada dia, observamos menos e reproduzimos mais. Para o autor a observação é um importante elemento do aprendizado; e, por fim, o despertar da curiosidade é outro elemento relevante, vez que estimula a busca pelo conhecimento.

Entende-se que a discussão sobre a ética requer compreender a existência de inúmeras contradições, mas a crença, a fé, de que falamos anteriormente, é um forte elemento para persistirmos e encontrarmos caminhos possíveis para exercitarmos esse aprendizado cotidiano. A crença é o combustível que move a equipe do projeto. É vislumbrar a mudança, a transformação, por acreditar que os fatores sociais não estão postos e podem ganhar novos significados.

A necessidade de iniciar uma prática educativa frente às dificuldades encontradas, é o que chamamos de “remar cotidianamente contra a maré”. Os educadores sociais criam uma automotivação que faz com que eles não desistam de acreditar em novas possibilidades. Este exercício é bastante árduo, uma vez que nos deparamos com inúmeras dificuldades no cotidiano,

não desejamos constituir uma visão idílica do trabalho com crianças em comunidades de baixo poder aquisitivo, porque limites e obstáculos existem e são de todas as ordens. Muitas vezes, o próprio ritmo da população, preocupada com a satisfação das necessidades imediatas, faz com que haja flexibilização do planejamento das ações. A cada momento esses limites passam a ter um efeito revés, que envolve a criatividade, a determinação, o estímulo, gerando condições para a realização daquilo que um dia foi mera elucubração. Paulo Freire (1996, p. 36) sugere que as dificuldades são capazes de nos revelar caminhos verdadeiros.

Esse é um ponto crucial no que tange à transcendência da auto-ética. O esforço representado pelo ideal de uma equipe multidisciplinar que visa, para além de ensinar valores e normas de convivência em sociedade, sobretudo, à formação sócio-cultural, despertando uma iniciativa cidadã e sustentável. A cada dia as necessidades se renovam diante do crescente universo populacional do mundo. Identificamos este esforço como uma contribuição para gerações futuras, uma semente, que não poderia deixar de repercutir na avaliação constante das ações do projeto.

Assim, propomos também aos educadores construir a auto-ética em si mesmos. Este é um movimento natural exercitado através da educação não-formal, para aqueles que se sentem compromissados e buscam não distanciar a teoria da prática. Se há uma prática pedagógica, envolve todos que interagem neste processo de superação, os educandos e os educadores. A fé impulsiona uma renovação das nossas crenças e, por conseguinte, de nós mesmos.

REFERÊNCIAS

BLANCHET, René. **Conhecimento da terra e educação**. In: A religação dos saberes: o desafio do séc. XXI – 3ª ed., Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BIANCONI, M. L.; CARUSO, F. **Educação Não-Formal** In: Revista da Sociedade Brasileira Para o Progresso da Ciência. São Paulo, Ano 57, Nº 4, Out/Nov/Dez de 2005.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. 5ª ed., São Paulo: Atica, 1995.

CURI, Fabiano. **Nem só o “educativo” educa**. IN: Revista Educação, ano 10 - nº 109, p. 70-73. Maio/2006

DOBBIN, Carlos Alberto. **A noção do “egocentrismo” segundo Piaget**. Cabo Frio: nov/2000. Disponível em <http://hps.infolink.com.br>. Acesso em 08/julho/2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. 18º ed. São Paulo: Paz e Terra. 1996

KANUMA, Keiyo. **Ensinando e disciplinando os filhos**. 1ª ed., São Paulo: Kyobunsha, LTD, 2001

MARTINELLI, Marilu. **Conversando sobre educação e valores humanos**. São Paulo: Petrópolis, 1999.

PALMEIRA, Marita. **Violência, violação e vitimização de crianças e adolescentes em Salvador**. In: Revista da FAEEBA / UNEB - ano 1, nº 1. Salvador: UNEB, 1992.

PETRAGLIA, Isabel. Et. al (orgs). **Edgar Morin: ética, cultura e educação**. 2ª Ed. - São Paulo: Cortez, 2003.

WOLFF, Celi. **A importância da educação infantil**. FACIP:Lajes-SC, 2004. Disponível http://www.unisol.org.br/index.php?mod=content&action=show&id_content=149&id_categoria=1. acesso em 10/maio/2006.